

O REALISMO NA POESIA PORTUGUESA

META

Apresentar as particularidades da produção literária na poesia realista em Portugal, suas tendências e os autores que mais se destacaram.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- compreender a poesia realista em seu espaço e tempo histórico, inserida em sua cultura, como resultado das inquietações dos homens e da necessidade de inovar;
- conhecer diversas vertentes da poesia realista em Portugal, suas características e os traços que distinguiram os autores do período em estudo;
- desenvolver a capacidade de compreensão crítica do texto literário;
- estimular o espírito crítico, investigativo e interventivo dos discentes.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento das diversas teorias que fundamentaram o Realismo em Portugal, além de noções básicas sobre a poesia.

Estar com um dicionário de Língua Portuguesa em mãos, para fazer as leituras dos poemas



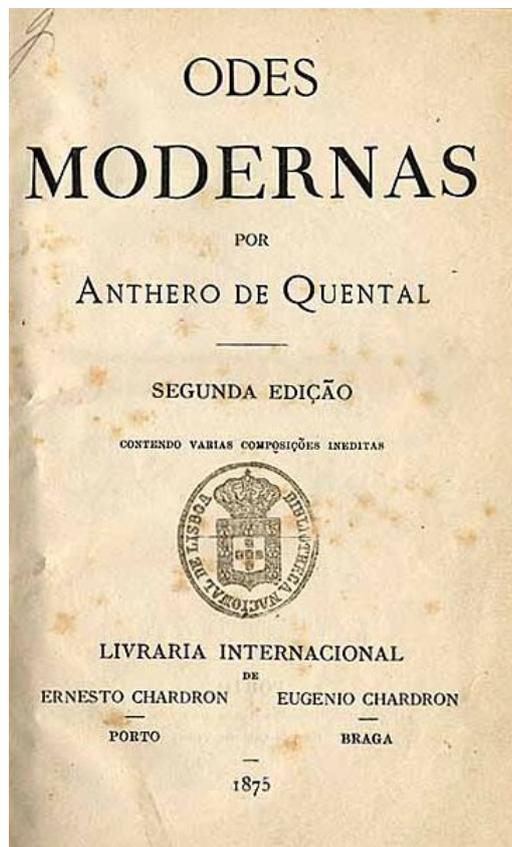
A poesia realista portuguesa teve como marco inicial as obras de Antero Tarquínio de Quental, escritor, político poeta e português (Fontes: <http://purl.pt>)

INTRODUÇÃO

Olá, creio que você deve estar se perguntando por qual motivo deve ter o conhecimento da história do povo português e de tantas teorias, inclusive filosóficas e científicas, para estudar um determinado período literário. É que a literatura é uma criação dos homens e, como tal, reflete não somente o momento histórico em que eles vivem como sua própria cultura (tradição, crenças, comportamentos, costumes etc.).

Bakhtin, em seu livro “Estética da criação verbal” (1992), muito bem nos adverte sobre tal questão, ao nos lembrar que “A ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa determinada época”.

Assim, para conhecer e compreender o Realismo é preciso não só trazer à tona a conjuntura europeia em que se germinou esta estética literária, mas também buscar o passado do povo português, em especial o período que o antecedeu, o romântico. Para entender a poesia realista em geral e, em especial, a obra de Antero de Quental, grande poeta português do período, faz-se necessário volver os olhos ao passado e enxergar o espírito essencialmente humanístico e tradicionalista do povo português.



Capa da obra de Quental, Odes Moderna, que desencadeou os acontecimentos da Questão Coimbra. (Fontes: <http://purl.pt>)

ESTÉTICA REALISTA NA POESIA

A leitura do texto que segue, de Antero de Quental, não aplaude esse caráter tradicional e conservador do povo lusitano, ao contrário, através da arte poética, tão característica da alma do português, incita-o à ação, à luta por mudanças tendo, como arauto, o poeta. Vejamos:

A um poeta

Tu, que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! É tempo! O sol já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumultares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! É a grande voz das multidões,
São teus irmãos que se erguem! São canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te, pois, soldado do Futuro
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!

O soneto acima, pertencente à obra *Odes Moderna* (1865) que desencadeou os acontecimentos da Questão Coimbrã, leva-nos a perceber o caráter irreverente do poeta Antero de Quental, que já no prefácio, declara que “a Poesia é a voz da Revolução”. E é isto que o autor transmite na última estrofe do poema, ao conclamar o poeta, a quem chama de “soldado do futuro”, a erguer-se e fazer “dos raios de luz do sonho puro [...] espada de combate”.

Para melhor entendimento do poema, voltemos à sua primeira estrofe em que o autor, usando a função apelativa da linguagem, dirige-se em segunda pessoa (tu) a um poeta anônimo, que se encontrava em atitude de segurança “posto à sombra dos cedros seculares/como um levita à sombra dos altares” e de total apatia “longe da luta e do fragor terreno”. Sem dúvida, o uso de comparações e figuras de linguagem, apesar de atenuar o peso conotador das expressões utilizadas, remetem-nos aos poetas da escola anterior, acomodados aos princípios e cânones românticos e protegidos pelos poetas de “prestígio”, os antigos “medalhões”.

A segunda, terceira e quarta estrofes dão continuidade ao apelo, cada vez mais veemente e enérgico, em tom de gradação, marcado pelo uso do imperativo: Acorda! Escuta! Ergue-te, pois, soldado do futuro! E, em sequência, há uso de argumentos bastante enfáticos e vigorosos para fazer valer o chamado.

Observemos: Ao usar a invocação “Acorda!”, o autor utiliza, como motivo, a luz do sol, o astro maior que afasta as trevas, a morte (“as lavas tumultares”) e sugere a vida, claridade, energia, ação. Ao ordenamento “Escuta!”, o poeta recomenda que se ouça a voz das multidões, de outros poetas (“teus irmãos”) que se levantam e somam suas vozes de luta às da multidão. E, por último, como conclusão, o imperativo “Ergue-te, pois, soldado do futuro...”, ou seja, alguém que luta por uma causa maior que contemplará as demandas presentes, mas que se concretizarão no por vir.

Vejam como o poema nos sugere luz e ação! A luz que venceria as trevas, os conservadorismos, as atitudes de apatia e indiferença às mudanças necessárias. A ação que suplantaria a inércia, que incitaria à luta por novas idéias, por transformações sociais.

Este soneto muito bem retrata Antero de Quental, o poeta, o líder revolucionário, aquele que, segundo Saraiva (1997, p.122), “crente na razão e na justiça, como o tinha sido na fé, pôs em questão a academia, a sociedade, a literatura. Foi um veículo por onde a teoria da evolução, a crítica bíblica de Renan, o socialismo de Proudhon, o progresso como teoria da história, se popularizaram entre os estudantes”.

A poesia realista em Portugal teve, portanto, como marco inicial Antero de Quental. Embora servindo aos desígnios reformistas, ela retoma a altura e o prestígio de Bocage e Camões no lirismo. Ao contrário do Romantismo, é uma fase de muitos e renomados poetas. Conforme Moisés, 1999, p. 168:

Talvez porque o poema se tornasse o molde ideal para fundir as idéias candentes no espírito da geração realista e mais facilmente comunicasse o seu conteúdo explosivo, o certo é que os realistas portugueses não descuraram da poesia e conseguiram atingir níveis de primeira grandeza, acabando por fazer do Realismo uma época de intensa atividade poética.

Época das mais ricas em matéria de poesia, tanto em quantidade como em qualidade, a atividade poética segue por várias vertentes, aqui discriminadas:

- a poesia realista, cujo objetivo precípuo era a reforma da sociedade portuguesa, através, sobretudo, da crítica social. Teve como principais representantes Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga;
- a poesia do cotidiano, que introduziu o prosaico no plano poético, representada por Cesário Verde;
- a poesia metafísica, que tinha cunho ontológico e se voltava aos problemas

humanos, girando em torno de Deus, da vida e da morte:

- a poesia de veleidades parnasianas, cujo intento era construir em Portugal uma poesia similar à que se fazia em França. Como representantes, temos João da Penha, Gonçalves Crespo, Guilherme de Azevedo.

- a poesia de projeção modernista, que não se confunde com nenhuma das anteriores, pois projeta-se para o futuro sintonizando-se com o Modernismo, tem como único representante Gomes Leal.

Nessa aula nos deteremos, em especial, na poesia realista, na poesia do cotidiano e na metafísica, por serem as de maior destaque no Realismo português.

A POESIA REALISTA

Servindo, diretamente, aos intentos reformistas da geração realista, a poesia desta época foi comprometida com a causa realista, daí dizer-se que ela foi uma poesia engajada. Não se confundiu com a parnasiana, conforme alguns julgaram, teve atitude extremamente revolucionária, constituindo-se em instrumento de luta e ação, especialmente, dos envolvidos com a questão coimbrã. Podemos citar entre os poetas realistas: Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Antero de Quental, Teófilo Braga e outros.



Aqui nos dedicaremos, em especial, ao conhecimento da obra de

Antero de Quental, sem dúvida, o maior representante da poesia realista e também da metafísica.

Conforme Bakhtin (1992, p. 366), “o autor e seus contemporâneos veem, compreendem e julgam, acima de tudo, o que está mais perto de sua atualidade presente. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua contemporaneidade”. As palavras do ‘filósofo russo’, sem dúvida, confirmam a importância do momento vivido pelo autor. Embora a poesia tenha vida própria podendo ser entendida por si mesma, o conhecimento de certos aspectos da vida do poeta e a contexto cultural da época que a viu nascer são muito elucidativos.

Por isso, é interessante conhecermos um pouco da vida de Antero para melhor entendermos certas facetas de sua obra poética, que ora revela um espírito visionário e lutador, buscando a coerência das ideias arrebatadas e a ação pioneira que as pusesse a salvo de serem improdutivas e imprecisas, e ora, o ser introvertido e torturado, consequência da tentativa frustrada de conciliar os contrários do seu espírito.

Aluno da Universidade de Coimbra, de formação conservadora e religiosa, sofre um intenso conflito ao entrar em contato com as correntes em voga na época, que punham em causa a sua crença tradicional. Afasta-se, então, dos valores herdados da educação familiar, participa da Questão Coimbrã, provocando todo aquele tumulto intelectual ao qual fizemos referência na lição anterior, vai para Paris onde trabalha como operário, faz parte do Partido Socialista, vivendo uma intensa militância política ao voltar a Portugal, em 1871, quando organiza as Conferências Democráticas. Na época, tinha Antero o arrojo de um líder revolucionário, o que deixa transparecer no seu livro ‘Odes Modernas’.

Em 1873, sua vida sofre uma reviravolta, pois, com a morte de seu pai, passa a assumir o papel de grande proprietário, passando por muitos sofrimentos e desilusões, inclusive adoecendo seriamente, tendo que assistir de longe a repressão das lutas operárias, a morte de amigos e familiares, passa por intensa confusão íntima, em que se digladiam os valores tradicionais e os modernos. Conforme Saraiva (1999, p.124):

A personalidade afirmativa ou desalentada de Antero era incompatível com a ambigüidade, a multissignificação e os jogos com que se faz a literatura. Mas os ‘Sonetos’, publicados em 1886, com um prefácio de Oliveira Martins, não tem o mesmo destino panfletário que as ‘Odes Modernas’, são como que uma meditação solitária em que se manifestam os ímpetos e as indecisões do poeta. Nem sempre é fácil analisar os ‘Sonetos’ sem ser como expressão de conceitos filosóficos.

Nessa época, produz uma poesia metafísica que nem sempre vislumbra um ideal, ao contrário, rende-se a posturas pessimistas e melancólicas. Seus sonetos, entretanto, mostram um domínio da técnica, o que lhe confere um lugar prestigiado, ao lado de Camões e Bocage.

PERCURSO DA OBRA DE ANTERO DE QUENTAL

Para Massaud Moisés, a trajetória intelectual de Antero pode ser marcada por dois estágios: O primeiro corresponde a uma poesia de cunho revolucionário, marcada pelo arrebatamento juvenil, típico dos dias agitados de Coimbra. Os poemas de Odes modernas (1865) inauguram esta fase. A obra consta de dois livros “que são a tese e a antítese de um pensamento de combate, de reforma e ação social, envolto de irreverência e iconoclastia revoltada” (MOISÈS, 1999, p. 181). Sua temática converge para o Realismo, embora não deixe de apresentar elementos românticos. Para melhor se compreender esta fase, o autor julga imprescindível a leitura da carta que Antero dirige ao escritor alemão Wilhelm Storck, em 1887:

O fato importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada do viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno. Varrida num instante toda a minha educação ctólica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes, quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra desconhecida. Achei-me sem direção, estado terrível de espírito, partilhado mais ou menos por quase todos os da minha geração, a primeira em Portugal que saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição (Ibidem, p. 182).

O segundo estágio corresponde a uma introspecção do poeta, que mergulha em seu íntimo como que à procura de um equilíbrio interior e segue um novo rumo: o da reflexão metafísica e do pessimismo. Achegado a Schopenhauer e a outros pensadores que meditaram sobre a contínua evolução da história dos homens (Hegel, Michelet), Antero volta-se para a busca de um lume filosófico que desse sentido à existência:

A Antero faltou, quer na aceitação dos mitos religiosos da infância, quer na absorção dos mitos intelectuais da idade madura, o empenho em caminhar num dado rumo. Doente da vontade, ansioso de espaço e de liberdade para a concatenação das idéias, aberto a estímulos

desencontrados, incapaz de persistir por muito tempo na execução dum programa ou na perseguição duma idéia, Antero é um joguete dos nervos destrambelhados e das contradições íntimas. Impregnado de intenso ceticismo, põe-se a duvidar de toda verdade que não seja hegelianamente dual ou matriz de uma contrária. Assim, seduzido precisamente por aquelas idéias que contivessem contradições ou ambivalências, acaba negando os caminhos que se lhe escancaram à frente. (Ibidem, p. 185)

baudelairianos

Relativos a Baudelaire, poeta francês.

A obra Sonetos (publicada em 1881) muito bem registra esta fase que coincide com o período em que o autor estava acometido por uma doença desconhecida, que o acompanhou até o suicídio (1891).

Embora realista, Antero de Quental produz dois volumes de poesia nitidamente romântica: Raios de extinta luz (1892) e Primavera românticas (1872), inspiradas na tradição portuguesa de Garret e Herculano, e no Romantismo europeu, em especial o francês, com tons **baudelairianos**. Em suas poesias, observa-se a presença do lirismo amoroso, do erotismo e da religiosidade.

ATIVIDADES



Leia os textos abaixo, de Antero de Quental, e procure identificar o estilo, a fase a que pertencem. Comente-os, apresentando características do estilo e/ou da fase indicada.

Tormento de um ideal

Conheci a beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre

Minguar, fundir-se sob a luz que jorra
Assim eu vi o mundo eo que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao por do Sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a idéia pura
Tropeço em sombras na matéria dura
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o batismo dos poetas,
E assentado entre as formas incompletas
Para sempre fiquei pálido e triste.

Ideal

“Aquela, que eu adoro, não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas
Da antiga Vénus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
D’um corcel e combate satisfeita...

A mim pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem, que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sono impalpável do Desejo...”

Mais luz

(A Guilherme de Azevedo)

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam mudos e impassíveis
À borda dos abismos silenciosos...

Tu, Lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto aos vícios cruéis e inextinguíveis
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida referendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro Sol, amigo dos heróis!

A POESIA DO COTIDIANO



Cesário Verde

III

Ao gás

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram a chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Cuteleiro

Local onde se
fabricam cutelos,
facas

Num **cuteleiro**, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente;
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

Ratoneiro

Ladrão de peque-
nos furtos

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um **ratoneiro** imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos revérberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa

E aquela velha de **bandós!** Por vezes,
A sua **traîne** imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus **meclenburgueses**.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes

“Dó da miséria!... Compaixão de mim!...
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho, professor nas aulas de latim!
(Cesário Verde, IN VERDE, 1975, p.51-52)

Bandós

Cabelo repartido ao meio e esticado para os lados da cabeça.

Traîne

Cauda de vestido (do francês).

Meclenburgueses

Cães de raça e cauteelas ou bilhetes.

Sem dúvida, vocês já devem ter ouvido falar em Cesário Verde, poeta português, que viveu de 1855 a 1886, num período de grandes transformações sociais, em que houve um surto prodigioso de progresso, resultante, sem dúvida, da aplicação das descobertas da ciência e da tecnologia, que substituíram as fontes tradicionais de energia (o trabalho humano e animal, o vento, as quedas de água e a ação direta do fogo) por outras mais potentes e eficazes. Em consequência, as produções industrial e agrícola tomaram proporções nunca antes vistas, os meios de transporte e a comunicação desenvolveram-se, atingindo níveis imprevistos, revolucionando, em consequência, a economia da troca, em vista do maior acesso a produtos de consumo e a baixa de preços.

Na última metade do século XVIII, a Europa desfrutou de uma grande prosperidade econômica, assistindo ao nascimento da grande indústria, a formação da alta burguesia e a instituição de uma classe operária. Portugal, também, entrou no ritmo dos demais países da Europa, com Fontes Pereira de Melo no poder. Figura primordial do partido regenerador, constituído em 1851, teve ele como programa uma ação intensa de recuperação econômica do país, saneando as finanças, abrindo estradas de rodagem e linhas férreas, o que contribuiu para a industrialização, o incremento do comércio externo e o revigoramento da expansão africana.

Cesário foi testemunha de vários e significativos melhoramentos modernos introduzidos no país: a iluminação à gás, nas ruas, os transportes coletivos, os primeiros candeeiros elétricos. Mas ao lado do progresso que, aos poucos, tomava conta da cidade, a capital portuguesa ainda era insalubre, com insuficiência de água e esgotos, o acúmulo de despejos lançados nas ruas pela população, acrescidos de estrumes de currais ainda existentes em alguns bairros da capital. O poema de Cesário, “Ao gás” nos mostra Lisboa nessa época de transição, em que o progresso de uma urbe que se moderniza convive com o a “ronceira capitalzinha” com vestígios medievais e absolutistas.

De percepção aguda e sutil, Cesário nos sugere toda essa dualidade: ao lado de lojas majestosas, vitrines resplandecentes, uma clientela burguesa luxuosa e indiferente, o submundo lisboeta com sua miséria, seus brilhos crepusculares, seus cheiros, seus tipos humanos característicos (impuras, ratoneiro, cauteleiro, burguesinhas etc.) mostrando todo o contraste que a seus olhos de poeta se evidencia. Não por acaso, seu estilo poético foi denominado “poesia do cotidiano”, ou seja, a poetização do prosaico, como bem o diz Moisés (1999, p. 175):

Pela primeira vez, o lirismo tentava com forças próprias das novidades, lançar a atenção sobre o prosaico diário, inclusive nos seus aspectos julgados repelentes, grotescos ou ridículos, quando não apenas fora do interesse poético. Ao mesmo tempo, correspondia à tentativa de fazer poesia “objetiva”, centrada no objeto e não no sujeito, dessa forma deslocando o eixo do interesse poético para fora do “eu” do poeta.

Cesário, entretanto, em vez de retratar o exterior de forma objetiva, confunde-o “com o que lhe vai na sensibilidade e na consciência poética”, isto é, com o seu mundo interior, fundindo as realidades e os planos objetivo e subjetivo. Tirando partido dos adjetivos que emprega com muita perícia, o poeta entrelaça objetividade e subjetividade com uma ótica bem peculiar, fazendo com que o leitor se sinta como um dos transeuntes de Lisboa naquele final de dia. Até mesmo o título do poema “Sentimento de um Ocidental” já nos leva a manter uma reciprocidade com o poeta que

tão bem soube retratar essa sensação típica de todos nós, que vivemos as crises dos tempos de modernidade e passamos por situações semelhantes.

Segundo Melo (1975p.16), a plena originalidade de Cesário Verde está em:

[...] seu processo inédito das intercessões e entrecruzamento de planos, panoramas, evocações e sentidos, na visão das coisas. Objetivamente, em muitos de seus poemas os acontecimentos e os temas surgem e desenvolvem-se em múltiplas direções, por vezes paralelos, por vezes divergentes, distanciando-se, reaproximando-se, entrecruzando-se para ao cabo se entrelaçarem ou interpenetrarem, vindo a constituir um conjunto poético, harmonioso e completo.

TRAJETÓRIA POÉTICA DE CESÁRIO VERDE

Moisés (1999) baseia-se no trabalho de Joel Serrão para agrupar os poemas de Cesário, assinalando algumas fases de sua curta trajetória poética:

1ª Fase – das primícias literárias - Sob a influência de João da Penha, poeta parnasiano, verifica-se uma preocupação com o rigor formal, típico dessa tendência. Fase marcada por um aparente cinismo, caracterizado pelo humor e negligência, como que para disfarçar uma inquieta sensibilidade nascedoura.

2ª Fase (1875-1876) – amadurecimento e descoberta do seu caminho – Seguindo o exemplo de Baudelaire, O poeta se volta para a realidade quotidiana, transfigurando-a como se tivesse a pretensão de compor um quadro impressionista.

3ª Fase (1877-1880) – descoberta da cidade e de seus mistérios- a preocupação com o cotidiano “natural”: a paisagem citadina, com seus odores, cores, ruídos, luzes e espectros.

4ª Fase (de 1881 em diante)- descoberta e amor ao campo - No contato com o ar livre, o poeta dá vazão ao seu ‘visceral impressionismo’. Conforme Moisés (1999, p. 179), ao soturno de antes, sucede agora a claridade, à morbidez, a robustez, à inação, a ação, bipolaridade tanto mais paradoxal quanto mais sabemos que esse elogio ao campo e à vida esportiva traduzia o desejo de preservar a saúde que então lhe fugia a passos largos[...].

Seus poemas amorosos refletem os fracassos de suas conquistas amorosas, através dos sentimentos de decepção, de contrariedade, de ressentimentos. Cesário encara a mulher mais pelo lado da materialidade, não do espiritual. O que nela o atrai é mais a perfeição plástica.

O que o excita é o que recebe pelos olhos, pelos sentidos: são as “belas proporções carnis”, as “cinturas estreitas”, os “dedos de marfim polidos e delgados” e certos aspectos menos materiais de

marca baudelairiana; “fineza e e música no andar”, certos “vagares elásticos” ou “movimentos lassos”, a “marcha demorada” [...] A fleuma aristocrática, a frieza arrogante, a impassibilidade”. (Melo, In: VERDE, 1975, p. 18-19).

Sem sombra de dúvidas, há de se reconhecer que foi Cesário Verde quem introduziu na poesia portuguesa um mundo novo e inexplorado, estranho, até então, à emoção criadora e à matéria poética. Atendo-se estritamente à invocação do sensível no plano da natureza, da vida e da técnica, Cesário volta-se deliberadamente ao concreto, ao prontamente captável e, com uma definição visual de agudeza e uma atilada inclinação moderna de registro artístico, colhe belezas inéditas em Portugal, onde ninguém as vira antes.

POEMAS DE CESÁRIO VERDE

Horas Mortas

O teto fundo de oxigênio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos de um caleche espantam-me sangrentos.

E eu sigo como as linhas de uma pauta,
A dupla correnteza augusta das fachadas ;
Pois sobem, no silêncio infaustas e trinadas
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ò nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.
Ah! Como a raça ruiva do porvir,

E as frotas dos avós e os nômades ardentes
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente os cães, parecem lobos.

E os guardas que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nessa massa irregular
Dos prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Explêndida

Ei-la! Como vai bela! Os esplendores
Do lúbrico Versailles do Rei-Sol
Aumenta-os com retoques sedutores.
É como o refulgir dum arrebol
Em sedas multicores.

Deita-se com languor no azul celeste
Do seu landau forrado de cetim;
E os seus negros corcéis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas
Dubarry, Montespan e Maintenon
Se a vissem ficariam ofuscadas
Tem a altivez magnética e o bom-tom
Das cortes depravadas.

É clara como os pós à marechala,
E as mãos, que o Jock Club embalsemou,
Entre peles de tigres as regala;
De tigres que por ela apunhalou,
Um amante, em Bengala.

É ducalmente esplêndida! A carruagem
Vai agora subindo devagar;
Ela, no brilhantismo da equipagem,
Ela, de olhos cerrados, a cismar
Atrai, como a voragem!

Os lacaios vão firmes na almofada;
E a doce brisa dá-lhes de través
Nas capas de borracha esbranquiçada,
Nos chapéus com roseta, e nas librés
De forma aprimadora.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No trottoir, como um doido, em convulsões,
Febril, de colarinho amarrotado,
Desejando o lugar dos seus truões,
Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,
A minha independência e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitário,
Para ser, ó princesa sem sorrir,
Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata
Preferiria ir, fardado, aí,
Ostentando galões de velha prata,
E de costas voltadas para ti,
Formosa aristocrata!

ATIVIDADES

1. Após leitura dos textos poéticos acima, justifique por que podemos classificá-los como poesias do cotidiano.
2. Que tipos de mulher aparecem nos poemas de Cesário Verde e quais as qualidades nelas enfatizadas?
3. O que mais lhe chama a atenção nos poemas de Cesário Verde e por quê?

CONCLUSÃO

Ol, caro aluno! Finalmente, chegamos ao final dessa aula sobre a poesia realista portuguesa. Espero que tenha observado como a poesia realista, em Portugal, foi comprometida com a causa dos jovens estudantes de Coimbra, a ponto de dizer-se que ela foi uma poesia engajada, uma vez que serviu aos ideais revolucionários que pretendiam mudar uma sociedade que não evoluía, por apegar-se demasiadamente aos valores tradicionais e conservadores. As teorias científicas e filosóficas serviram não apenas para alertar os jovens da necessidade de Portugal acompanhar os demais países europeus e inserir-se na modernidade, como também para que eles deflagrassem um movimento de denúncia e conscientização da sociedade portuguesa.

RESUMO

Apresentando diversas vertentes, a poesia realista em Portugal teve atitude extremamente revolucionária, constituindo-se em instrumento de luta e ação, especialmente dos envolvidos com a célebre Questão Coimbrã. Por outro lado, também apresentou outras correntes bastante inovadoras, a exemplo da poesia metafísica e a poesia do cotidiano que, nesta aula, mereceram destaque especial, através do estudo mais aprofundado de seus principais representantes, Antero de Quental e Cesário Verde, cujas trajetórias poéticas foram profícuas e fecundas, apresentando fases distintas e dinâmicas. Dentre os poetas realistas que também merecem menção e estudo, podemos citar: Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Antero de Quental, Teófilo Braga, Gonçalves Crespo, João da Penha e Fialho de Almeida.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

Se sentir dificuldades em resolver as questões, consulte o material e veja o que fala sobre o autor, seu estilo e as fases de sua poesia. Não deixe também de consultar um dicionário para melhor entender o sentido das palavras e, conseqüentemente, do texto. Procure rever também o que caracteriza a poesia realista, a poesia do cotidiano e, em especial, o estilo de cada autor abordado.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos a prosa realista. Veremos se ela manteve ou não afinidade com a poesia em seus propósitos e se houve, também, manifestações em prosa engajadas, com objetivos revolucionários.

Eça de Queirós será destaque, como autor realista por excelência.



AUTOAVALIAÇÃO

Entendi por que o texto literário pode ser um texto engajado? Compreendi por que a poesia de Cesário é considerada uma poesia do cotidiano? Senti dificuldades em desenvolver as atividades? Julgo necessário um maior aprofundamento?

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. **Literatura Portuguesa: história e emergência do novo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EDUFF/PROED, 1987.

MOISÈS, MASSAUD. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **A literatura portuguesa através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Presença da literatura portuguesa III**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Amália Cochar.

Panorama da literatura portuguesa. São Paulo: Atual, 1997.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na Literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.

LIMA, Alceu Amoroso; CORRÊA, Roberto Alvim; SENA, Jorge de (orgs.) Cesário Verde: **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1975.